

DUPUIS, Jacques, *Rumo a uma Teologia Cristã do Pluralismo Religioso*, traduzido por Márcia de Oliveira e Euclides Martins Balancin, São Paulo, Paulinas, 1999, 600 pp.

Esta valiosa obra é o fruto mais recente das reflexões de Jacques Dupuis, a síntese madura de sua longa experiência e pesquisa sobre o tema da teologia das religiões. Retomando intuições anteriores, o autor trabalha inserindo-as num quadro de reflexão mais amplo e compreensivo. Seu propósito consiste em traçar um percurso para uma “teologia cristã do pluralismo religioso”. O autor não pretende com sua reflexão esgotar este complexo assunto, mas situa sua obra como uma “nova introdução geral” ao tema da teologia das religiões, caracterizada por uma avaliação mais generosa das outras tradições religiosas e melhor instrumentada para o diálogo inter-religioso.

O livro apresenta-se dividido em duas grandes seções. Na **primeira parte** do trabalho, Dupuis procura situar o estudioso ou leitor no grande leito histórico-teológico onde o tema se gestou e se desenvolveu. Articula sua reflexão com grande maestria, dispondo de ampla documentação e demonstrando profundidade na argumentação. Sua leitura do passado é séria e não iconoclasta, conseguindo com sucesso destacar o panorama histórico dos posicionamentos assumidos pela tradição cristã com referência às tradições religiosas. A originalidade de sua reflexão emerge, sobretudo, na **segunda parte** da obra, quando apresenta seu projeto teológico hermenêutico inter-religioso, fundado em três eixos essenciais: a acolhida positiva do pluralismo religioso como dado de princípio; a compreensão relacional da unicidade e universalidade de Jesus Cristo e a complementaridade recíproca entre Cristianismo e as outras tradições religiosas do mundo. O caráter renovador de sua reflexão foi favorecido por duas chaves essenciais de interpretação: uma cristologia trinitária e do Espírito e uma perspectiva reinocêntrica.

Segundo Dupuis, as diversas tradições religiosas não constituem, portanto, meros “anseios” ou esforços titubeantes que

animam a procura limitada dos seres humanos em direção ao mistério de Deus, mas expressam a busca por Deus realizada de encontro com os mesmos, traduzindo, assim, sua graciosa iniciativa de doação e oferecimento salvífico. O pluralismo religioso não constitui, portanto, um mal a ser eliminado ou manifestação pecaminosa da humanidade, e sim uma expressão viva da riqueza e diversidade da automanifestação de Deus ao gênero humano e a toda a criação.

Na perspectiva acenada por Dupuis, o Reino de Deus ocupa sua centralidade decisiva. A compreensão do Divino em sua universalidade leva a teologia das religiões a reconhecer os participantes de outras tradições religiosas como “membros outros do Reino”, na medida em que na sua prática efetiva respondem ao chamado de Deus. Participação que se estende às suas tradições religiosas que, de forma misteriosa, contribuem para a afirmação do Reino entre os seus seguidores e na história humana. Na reflexão de Dupuis, a Igreja aparece como “sacramento do Reino” na história, exercendo uma “mediação” importante no plano da salvação, mas sempre derivada da única mediação universal, representada por Jesus Cristo. A necessidade de “sinal sacramental da presença da graça de Deus entre as pessoas”, sem negar às outras tradições religiosas uma função também mediadora, pois o Reino de Deus e os valores a ele identificados não podem se constituir um privilégio de uma única religião.

O diálogo inter-religioso e a complementaridade recíproca entre as diversas tradições religiosas contribuem para o crescimento do Reino de Deus na história. Este diálogo não deve ser compreendido como um instrumento provisório para outro fim, pois tem em si mesmo o seu próprio valor. Deve ser um diálogo sincero, fundado em convicções, mas sempre aberto às surpresas de Deus. Um diálogo assumido como uma “viagem fraterna” rumo ao destino misterioso reservado por Deus para toda a sua criação. Um diálogo que não visa as rupturas de identidade, mas que convoca a todos para uma conversão sincera ao Deus da vida. Um diálogo sempre orientado para a plenitude escatológica, onde ocorrerá a “recapitulação” em Cristo de todas as tradições religiosas: uma recapitulação que salvaguardará o “caráter irredutível” impresso em cada uma delas pela automanifestação de Deus, mediante o seu Verbo e o seu Espírito.

O livro se divide em duas partes: uma histórica ou “positiva”, outra sintética ou temática, e esta bipartição parece recomendável por várias razões a saber:

Em primeiro lugar, o atual reconhecimento, por parte da Igreja cristã, da importância do pluralismo religioso, que embora recente, não pode ser separado da memória cristã desenvolvida ao longo dos séculos: há necessidade da manutenção do contato com as raízes cristãs e da sua constante referência.

Em segundo lugar, a avaliação das outras religiões mudou tanto, ao longo da tradição cristã, que o autor achou necessário fazer, antes de qualquer coisa, um balanço desta evolução plurissecular, e só depois propor, na segunda parte, uma visão sintética da matéria segundo a consciência atual da Igreja.

Em terceiro lugar, esta problemática evoluiu consideravelmente ao longo dos séculos; portanto, foi necessário fazer um levantamento histórico das sucessivas problemáticas, antes de apresentar sistematicamente o tema.

O primeiro capítulo analisa os principais dados da Escritura que fazem referência às religiões das outras “nações” no Antigo Testamento e dos “gentios” no Novo Testamento. Este trabalho é executado mais tematicamente do que analiticamente; o objetivo é mostrar que fatores produziram as diversas atitudes perceptíveis nas Escrituras hebraica e cristã.

O segundo capítulo estuda um confronto com a posição prevalentemente negativa dos Padres da Igreja em relação às religiões por eles examinadas, a notável atitude positiva desenvolvida por alguns dos primeiros apologistas do séc. II e do início do séc. III. Este fato permite descobrir, dentro da tradição pós-bíblica, os primeiros fundamentos para uma teologia da “história da salvação” que viria a ser, posteriormente, a espinha dorsal de uma teologia das religiões.

O axioma “fora da Igreja não há salvação”, que na sua forma mais rígida, teve origem histórica sobretudo com os sucessores de Santo Agostinho, por muitos séculos foi o símbolo da posição negativa da Igreja em relação à possibilidade de salvação para os membros das outras religiões.

O terceiro capítulo estuda a origem histórica do axioma e o progressivo endurecimento da sua interpretação, até os sucessivos pronunciamentos oficiais do Magistério da Igreja. Por outro lado, o capítulo também chama a atenção para alguns indícios de uma visão mais aberta presentes neste longo período.

O quarto capítulo examina os diversos modos como foram formulados ao longo dos séculos, vários sucedâneos do Evangelho, com o fim de explicar a possibilidade da 'fé implícita', chegando até os anos que precederam o Concílio Vaticano II.

O quinto capítulo estuda a renovação teológica pré-conciliar e suas implicações para a questão da salvação dos "outros" e para o valor das suas tradições religiosas na história da salvação. Mostra como a mudança de atitude e a nova abertura, características do Vaticano II, vinham sendo preparadas pela renovação teológica iniciada antes do Concílio.

O sexto capítulo examina a doutrina do Concílio e faz a sua avaliação crítica. Também mostra como a atitude de abertura do Concílio foi confirmada e progressivamente desenvolvida pelo magistério da Igreja, chegando aos documentos oficiais mais recentes.

O sétimo capítulo conclui a parte histórica com um balanço detalhado sobre a teologia das religiões desenvolvida nas Igrejas cristãs, no período pós-conciliar, e que levou ao aparecimento atual de novas perspectivas, que ainda precisam ser criticamente avaliadas.

A **Segunda Parte** é definida como sintética, não como sistemática. Em vez de sistemática, ela é temática. A intenção do autor é traçar um panorama organizado dos vários aspectos deste mistério, que permita pôr em evidência a sua unidade.

O primeiro capítulo expõe a perspectiva da história da salvação como moldura dentro da qual a pluralidade das tradições religiosas é considerada em harmonia com o desígnio divino. Isto já manifesta que as várias tradições religiosas representam diferentes manifestações divinas ao longo da história, porém, não sem ordem à unidade, já que o projeto divino para a humanidade, que se desenvolve através da história, é um só.

O segundo capítulo examina a questão da revelação divina e da fé humana, nas suas várias formas e do ponto de vista de diversos modelos, aplicando estes últimos às sagradas escrituras das tradições religiosas, e chegando à conclusão de uma palavra de Deus diferenciada ou diversificada na história.

O terceiro capítulo trata do problema do mistério absoluto ou divino como horizonte transcendental da experiência religiosa humana

nas diferentes tradições. Este se propõe a mostrar qual a contribuição que pode dar a uma teologia da pluralidade religiosa, mistério da comunicação divina, presente em Deus enquanto revelado em Jesus Cristo.

O quarto capítulo tem uma tarefa crucial para toda a extensão do trabalho: revela o papel decisivo que o evento histórico de Jesus Cristo desempenha no projeto de Deus para a humanidade e a posição central que ele ocupa no desenvolvimento histórico desse desígnio.

O quinto capítulo examina em que sentido uma teologia cristã das religiões pode reconhecer nas outras tradições religiosas uma verdadeira mediação, para os seus membros, do mistério da salvação em Jesus Cristo. Este capítulo questiona como é possível descobrir, em tais tradições, elementos de “verdade e de graça”, que dêem expressão a tal mediação.

O sexto capítulo passa a tratar do papel da Igreja, em relação ao evento Cristo, na economia da salvação. Ele se questiona sobre o papel da Igreja em relação ao Reino de Deus, constituído por Deus em Jesus Cristo, e sobre o modo como os membros das outras tradições religiosas se relacionam com o Reino de Deus. Também mostra que uma perspectiva “reinocêntrica” corretamente entendida, oferece um horizonte mais amplo para uma teologia do pluralismo religioso, do que aquele que pode ser oferecido por uma perspectiva “eclesiocêntrica”, que foi muitas vezes objeto de interpretações limitadas do passado.

O sétimo e último capítulo mostra o lugar que o diálogo inter-religioso ocupa na missão evangelizadora da Igreja, segundo o magistério recente, e o modo como este diálogo se relaciona com a proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, em uma visão global da evangelização. Este capítulo expõe ainda o processo do enriquecimento mútuo que o diálogo inter-religioso, a interação, o envolvimento comum nos problemas das pessoas e da sociedade podem produzir entre os cristãos e os seguidores das outras tradições religiosas.

Enfim, o leitor que souber apreciar detalhadamente cada passo desse precioso livro, com a abertura necessária e o espírito dialogal, sairá certamente amadurecido e enriquecido em sua visão de fé

e de mundo. A densidade da reflexão contida neste trabalho não diminui a pertinência de suas implicações pastorais, mas fornece a base essencial quer para teólogos quer para todos aqueles que neste início de milênio queiram de fato dizer uma palavra que possa tocar a sensibilidade de seus contemporâneos. Concluindo, é um trabalho de impacto que permanecerá por muitos anos como referência fundamental na decisão sobre a teologia das religiões e o diálogo inter-religioso e que certamente exercerá substancial influência no projeto de inculturação eclesial.

O Pe. João Gilberto Rodrigues é Professor de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso no CEARP, Ribeirão Preto, SP.